

“Em Coimbra mendigamos ajudas”

“A investigação, em Portugal, é pouco menos que clandestina”. A afirmação é de Boaventura Sousa Santos no debate sobre o futuro das Ciências Sociais no âmbito do aniversário do CES.

► Mária de Oliveira

Boaventura Sousa Santos, director do Centro de Estudos Sociais (CES), lamentou que, o facto de a investigação, em Portugal, ser pouco menos que clandestina, tenha levado muitos investigadores a irem para o estrangeiro. Intervindo na conferência subordinada ao tema “Caminhos do futuro. Novos mapas para as Ciências Sociais”, o professor catedrático enalteceu a nova criação, no Brasil, da “CES América Latina”, na Universidade Federal de Minas Gerais, como um grande passo dado pelo CES, que apesar de estar a funcionar só há cerca de um ano, “já estão a reconstruir um palácio”.

Em relação a Portugal, e apesar da ajuda da reitoria da Universidade de Coimbra (UC), Boaventura Sousa Santos não poupou boas críticas e disse mesmo que “aqui em Coimbra mendigamos ajudas”. “Já viram as condições que temos para albergar os investigadores?”, questionou o docente, adiantando que o CES dispõe de cerca de 130 investigadores e 52 projectos por todo o mundo. “É o centro mais internacional”, disse.

A preocupação com o futuro, com os próximos 30 anos, foi o assunto mais frisado na conferência, não esquecendo a referência à história da criação do CES, “criado por oito profissionais”. A partir daí foram surgindo ideias, “a primeira grande ideia que o CES procurou visualizar foi a de transdisciplinaridade”, disse o responsável. Ao longo dos anos, o CES foi-se ampliando, com as energias da Faculdade de Economia, Faculdade de Letras e Faculdade de Ciências, da UC.

Por sua vez Carlos Fortuna, presidente do conselho científico da Faculdade de Economia, realçou três circunstâncias a ter em conta quando se fala no CES. Em primeiro lugar, recordou o que se passou há 30 anos, quando ele próprio era um dos oito investigadores a criar o centro. “Em segundo lugar, temos de pensar como trilhar os caminhos do futuro, trilhar o sentido da esperança”, afirmou Carlos Fortuna, acrescentando, em 3.º lugar, que “em Portugal discutem-se muito as relações com o MIT. Nós, no CES, temos multidisciplinariedade, interdisciplinariedade e transdisciplinarie-



JOÃO GABRIEL SILVA, Carlos Fortuna, José António Bandeirinha, José Augusto Bernardes e Boaventura Sousa Santos

dade”. José Augusto Bernardes, presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras, fez, entre outros, alusão ao humanismo europeu, “um dos movimentos mais importantes da história da Europa Ocidental”, que se caracteriza “pela crença central de que o saber é um instrumento da investigação huma-

na”. João Gabriel Silva, presidente do Conselho Científico da Faculdade de Ciências e Tecnologia, lembrou a ligação entre a faculdade e o CES e apresentou algumas sugestões: a manipulação genética, as realidades virtuais e futuras energias, “já que o petróleo está a chegar ao fim”.

Por fim, José António Ban-

deirinha, pró-reitor da UC, realçou três factores determinantes do CES, a transcendência e a complementariedade, a internacionalização e a evolução das Ciências, em particular das Ciências Sociais. E concluiu afirmando que “o futuro é uma das palavras *fetiche* das iniciativas do CES”.

CES premiou jovens cientistas sociais

APÓS A SESSÃO de abertura do colóquio internacional “Caminhos de Futuro. Novos Mapas para as Ciências Sociais e Humanas”, José António Bandeirinha e Boaventura Sousa Santos procederam à entrega do Prémio CES para Jovens Cientistas Sociais 2007. Assim, o prémio CES foi, em *ex-aequo*, para Clara Maria Laranjeira Sarmiento e Santos, com o trabalho “Práticas, Discursos e Representações da Cultura Popular Portuguesa”, e para Maria Susana Pinto Figueiredo de Noronha, com o trabalho “A Tinta, a Mariposa e a Metástase. A arte enquanto experiência, conhecimento e acção



transformativa na instalação do cancro entre a pele da mama e o lugar digital”. Foram ainda entregues duas menções honrosas a Jacqueline Sinhoreto, pelo estudo “Ir aonde o povo

está. Etnografia de uma reforma da justiça”, e a Maria Teresa Geraldo Carvalho, pelo trabalho “Nova Gestão Pública e reformas da saúde: o profissionalismo numa encruzilhada”.